

COSMOPAULISTA • Continuação da página 1

Viáfora desfia aquarelas e querelas do Brasil

Pela primeira vez, compositor mixa influências carioca e nordestina a coisas de São Paulo

Paulista íntimo do Rio, o que fica atestado em sua obra, comparada a de cariocas eméritos como Aldir Blanc e Chico Buarque ("O guri", no disco novo, é uma espécie de continuação da buarquiana "O meu guri"), fica à vontade na cidade, onde já está há uma semana por conta do show. Encontra amigos, como os parceiros Guinga (de quem letrou de forma inacreditável o choro aparentemente iletrável "Di menor") e Milton do MPB-4, recebe telefonemas de integrantes do Salgueiro, ansiosos pelo show de hoje à noite.

— Sou paulista e vivo em todo lugar — diz Viáfora, citando o verso de seu "Auto-retrato", também do CD e do show. — Mas sempre tive dificuldade de falar das coisas de São Paulo. Neste disco consegui superar isso.

E como. Logo em "Linda de lua" arrisca curiosas definições de sua cidade natal: "De noite a cidade é uma mulher/Que sai do escritório de tailleur/Desata o cabelo e o fecho eclair/Atirando o vestido

pra platéia" ou "Não é de sol, não é de mar/São Paulo são idéias". Em seguida, arrisca uma tese "viaforiana" para o samba paulista ser pesado, baseado no toque do surdo, em contraponto ao carioca, leve, do tamborim em "O baque do pilão": "Mão de cortar cana-de-açúcar/Não tem a mesma ginga da que colhe o grão/A mão paulista que batuca/Carrega o som do baque seco do pilão". É mais paulista ao celebrar o samba italianado de "Nona Vicenza" ou no maracatu atômico à Lenine "Doida" ("Pinta onde eu vou, doida/Corre na USP, passa no Sesc, no KVA, no Vai-Vai").

Compositor retrata o Brasil a partir do umbigo

Mas no show, dividido em cinco blocos, apenas um contém os sambas "paulistas" de Viáfora. Show que começa e acaba numa celebração ao Salgueiro (com místico samba enredo "Chica da Silva"), passeia pelo samba carioca ("Por um fio", "Luz do meu samba", "Antes do amor"), pelo reggae

brasileiro ("Não vou sair", sucesso no Norte do país no início da década, e "Dona Dadá", sobre uma professora de história que só descobre o Brasil real depois de virar DJ em bailes funk), pelo Nordeste (a épica "O Rio virou sertão", "Doente de paixão"), ambas influências de seu mais constante parceiro, o violonista baiano Vicente Barreto.

Como se vê, cantar o Brasil, pintar sua nova aquarela e falar de suas querelas, é a intenção de Viáfora, uma das melhores encarnações do que se convencionou chamar MPB.

— A diferença é que se antes eu era mais observador, literário, agora estou mais reflexivo, mais falando a partir do meu umbigo — diz.

Isso fica explícito na obra-prima que dá nome ao disco, "A cara do Brasil": "Eu estava esparramado na rede/Jeca urbanóide de papo pro ar/Me bateu a pergunta meio à esmo/Na verdade o Brasil o que será?". Do umbigo do jeca urbanóide saem novos retratos do país contraditório. ■

Cara do Brasil: Autor encontra sotaque próprio

Rico som de um país que anda escondido

Antonio Carlos Miguel

DISCO
CRÍTICA

Ele já foi chamado de "o Guinga de São Paulo", mas em seus sambas, toadas e baiões também mostra influências que remetem a Chico Buarque e João Bosco. Boas referências que em "Cara do Brasil" (RGE), seu terceiro e melhor disco, ganham assinatura pessoal e ótimos arranjos do próprio compositor, confirmando Celso Viáfora como um dos mais fortes nomes da MPB nos anos 90.

O paralelo com Guinga se deve ao fato de Viáfora também seguir rota imune às pressões do mercado, mas musicalmente é nítida a filiação nos baiões "O baque do pilão" e "Doida". Algo que agora se

consolida na primeira parceria dos dois, "Di menor". Já "O guri", uma de suas parcerias com o baiano Vicente Barreto, é um samba que se espelha em "O meu guri", de Chico, só que ambientado em São Paulo.

Aliás, a Paulicéia inspira belas canções — como "Linda de lua", parceria com Barreto que abre o CD — e sambas como o italianado "Nona Vicenza". Mas, como o próprio Viáfora afirma na genial "Auto-retrato" (com ótimo arranjo de sopros e participação da Banda Mantiqueira), é paulista mas não se pauta por nenhuma "babaquice de bairrista". Incorporando em seus sambas tanto o sotaque caipira quanto o nordestino, faz o som de um Brasil que hoje nem sempre pode mostrar a sua cara. ■